

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



UM CONTEXTO TARDO-ANTIGO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREEIROS (NARC), LISBOA

Carolina Grilo / FCT / UNIARQ / ramosgrilo.carolina@gmail.com

Carlos Fabião / FLL-UNIARQ / cfabiao@fl.ul.pt

Jacinta Bugalhão / FCT / UNIARQ / jacintabugalhao@gmail.com

RESUMO

A indústria de preparados de peixe constituía uma das actividades económicas centrais de *Olisipo*, tendo a sua produção cessado em época indeterminada, presumivelmente, entre o século V e o VI.

Após o abandono dos complexos de produção de preparados de peixe do NARC, parece verificar-se nesta zona da cidade alguma regressão urbana conservando-se, no entanto, níveis de ocupação do espaço que fornecem espólio com cronologia tardo-antiga.

Apresentam-se os dados de um contexto tardio identificado junto ao eixo viário ocidental à cidade, onde constam cerâmicas finas (*sigillata* africana, DSP gálica e *sigillata* foceense), ânforas e produções cerâmicas locais e regionais, que suscitam questões relacionadas com as ocupações tardias dos espaços periurbanos, com a caracterização dos contextos arqueológicos e com a dinâmica comercial urbana da segunda metade do século V e inícios do século VI.

ABSTRACT

The fish processed industry was a major economic activity at *Olisipo* until Late Antiquity (Fifth to Sixth centuries). We believe that after the abandonment of the NARC's factories there was some sort of urban regression in the area. However, some evidence of late antique occupation was preserved.

The following article presents the data from a significant late context next to one of the occidental roman vias of the city, with imported fine wares, (ARS, gaulish DSP and Late Roman C) amphorae and regional common wares. Its analysis raises questions regarding the late occupations of the peri-urban spaces and urban commercial dynamics between the second half of the Fifth and the first half of Sixth centuries.

1. INTRODUÇÃO

O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), área arqueológica musealizada na Baixa Pombalina de Lisboa, foi escavado entre 1991 e 1995. A intervenção trouxe ao conhecimento níveis relevantes da ocupação urbana antiga, desde o século V a.C. até construção pombalina (finais do século XVIII) e remodelações posteriores.

Merecem especial menção os bem conservados contextos de época romana, que incluem uma necrópole datada da transição da Era (Bugalhão & *alii*, no prelo), um conjunto de unidades industriais de preparados de peixe que terá laborado entre os séculos I e V, umas termas do Baixo Império e um troço do eixo viário sudoeste de *Olisipo* (Bugalhão, 2001).

Nos níveis subsequentes, foi identificado um enterramento aparentemente isolado atribuído genericamente a cronologia tardo-antiga (Duarte, 2001), parecendo contudo que a ocupação urbana desta área registou algum abrandamento, até finais do século X quando um dos arrabaldes da cidade islâmica aqui se implanta (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007).

Não parece contudo verosímil, quer pela proximidade ao centro urbano consolidado e muralhado, quer pela localização junto à via referida e a outros equipamentos urbanos importantes, quer pela proximidade à margem ribeirinha (pólo de atração de diversas actividades urbanas, nomeadamente, comerciais, artesanais e portuárias), que a zona baixa da cidade tenha sido propriamente “abandonada”. Assim, à semelhança de outros contextos já analisa-

dos no casco urbano de *Olisipo*, (Diogo & Trindade, 2000; Silva & De Man, 2012, Pimenta & Fabião, no prelo) apresentam-se algumas realidades estratigráficas que permitem comprovar a continuidade da ocupação do local em momentos tardios, após a desactivação das unidades fabris e sua ruína. Ainda que não possamos efectuar uma caracterização rigorosa da funcionalidade e significado desta ocupação, a sua localização na área limítrofe de um eixo viário da cidade romana, permite afirmar que este espaço seria frequentado em momentos tardo-antigos, não sendo contudo legítimo supor que esta ocupação pudesse estar relacionada com a produção de preparados piscícolas.

2. ELEMENTOS ESTRATIGRÁFICOS

O conjunto em análise foi exumado sobre a designada Unidade 4 (Figura 1) do complexo industrial do NARC (Bugalhão, 2011). Foi analisada a sequência estratigráfica correspondente ao período entre o abandono da unidade industrial e os níveis de ocupação islâmica, que remontam ao final do século X (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2007, p. 323-324).

Num primeiro momento, há a referir a fase imediatamente subsequente à interrupção de laboração da unidade fabril, ao qual correspondem os níveis conservados no fundo dos tanques 19, 25 e 26, e áreas confinantes, incluindo por vezes restos ictiológicos e também espólio cerâmico (Camadas: 51, 96, 97, 157, 158, 159 e 161).

Segue-se um conjunto de estratos correspondentes à fase de ruína das estruturas industriais, nomeadamente ao derrube dos seus telhados, que sela os contextos referidos anteriormente e que terá ocorrido num momento não muito distante no tempo. Estes contextos foram identificados no interior dos tanques (incluindo o 27), sobre o troço de pátio situado a Nascente do tanque 19, sobre os muros que delimitam a área industrial a Sul e na área pedonal junto à via. Caracterizam-se pela cor clara, com sedimentos soltos, constituídos essencialmente por abundante material cerâmico de construção, argamassa e fragmentos de *opus signinum* desagregados, resultantes do abandono e destruição das unidades fabris (camadas 52, 87, 137, 141, 146, 151, 152 e 160).

O espólio resultante dos níveis de colmatação destas estruturas permitiu determinar um *terminus* de laboração para esta unidade entre os finais do século IV e os inícios do século V (Bugalhão, 2001, p.145),

baseado nas cerâmicas finas (*TSAfr D H61*), nas ânforas (particularmente nas formas Almagro 51c) e nas cerâmicas de produção local e regional.

Sobre estes níveis foi identificado um conjunto de estratos de características diversas, que integravam espólio romano e de época posterior. Refira-se que estes depósitos cobriam a sequência de abandono e colmatação da Fábrica 4, encontrando-se depostos sobre toda área ocupada por esta e também sobre a área de circulação pedonal junto à via. Estes níveis, pela sua cota de implantação elevada e pela ausência de construções que os contivessem, foram muito expostos a perturbações posteriores, nomeadamente medievais.

Por outro lado, sublinha-se que não se verificou qualquer associação directa destas camadas a estruturas, embora se admita como provável, pela sua implantação estratigráfica que, em alguns casos, possam ter sofrido remeximentos e intrusões na fase da reurbanização do local a partir do século X, fenómenos, além do mais, determinantes na leitura destas realidades sedimentares, em muitos casos, de si, pouco expressivas e com espólios pouco abundantes e muito fragmentados.

Integravam este conjunto as camadas 59, 75, 84, 89, 90, 91, 95, 104, 105, 136, 138, 140 e 147, distribuídas sobre as distintas áreas da Unidade 4 e na área de circulação pedonal junto à via. Destas, apenas as unidades 75 e 140 puderam ser atribuídas com segurança ao horizonte de ocupação posterior ao abandono do complexo fabril, estendendo-se junto da área confinante do eixo viário, localizado a sul (Figura 1). As demais, apesar de incorporarem grande número de materiais residuais desta fase, provaram estar muito afectadas por perturbações posteriores, em particular a zona a Nascente do tanque 19, onde o pavimento de *opus signinum* do pátio se apresentava destruído.

3. ESPÓLIO

Para datar este momento tardo-antigo assumiu assim especial relevância o conjunto material recuperado nestas unidades estratigráficas, onde se documentou espólio composto maioritariamente por cerâmicas finas, ânforas, cerâmica comum, recolhidos, em alguns casos, em mais do que um destes estratos, sugerindo uma utilização deste espaço num intervalo de tempo não muito prolongado (Figuras 2, 3 e 4).

Particularmente expressivo para este propósito, re-

velou-se o espólio da unidade 140 (Figura 2), onde foi exumada *TSAfr D* das formas Hayes 58 (n.º 3021), 59A (n.º 3019) e 61, tipo B (n.º 3025) de Bonifay (2004, p. 168), um exemplar de produção cinzenta com decoração estampada do grupo das *DSP* da forma Rigoir 3 (n.º 8426) e quatro exemplares de *TSFT* da forma 3 de Hayes, nas variantes 3C (n.ºs 3013, 3022 e 7366) e 3C/E (n.º 3023) esta última com caneluras sobre o bordo e sem roleta, ostentando, na ligação com a parede, uma moldura suave, característica da variante.

Cabe aliás destacar que a realidade estratigráfica 140 foi o único contexto do NARC, onde foram exumadas cerâmicas finas orientais, à exceção de um exemplar recolhido em estratos claramente posteriores. Estas funcionaram como referência cronológica quer para o restante conjunto cerâmico, quer para a ocupação, datada entre a segunda metade do século V e a primeira metade do VI. A relevância deste conjunto é reforçada pela sua associação com importações mediterrânicas como as *DSP*, também documentadas de modo quase episódico nos contextos do local e na região olisiponense, revestindo-se assim de extrema importância, confirmando, pelo menos para a fábrica 4, o *terminus post quem* da sua desactivação.

No tocante às ânforas, haverá a registar, na camada 75 (Figura 4), um fragmento de bocal de uma LR2, egeiana (n.º 3649), datável do século VI (Reynolds, 2005). Esta forma estava já documentada em outros contextos tardios da cidade (Pimenta & Fabião, no prelo), registando-se ainda algum material residual (n.ºs 3660 e 3713). Já na camada 140 (Figura 2), as formas documentadas são fundamentalmente lusitanas, Keay 16 (n.º 3042), Almagro 50 (n.ºs 3045, 3087 e 3088) e Almagro 51c (n.º 3043). A sua presença neste contexto suscita algumas interrogações. Em perspetiva tradicional, dir-se-ia que constituem materiais residuais presentes nestes estratos mais tardios. Contudo, a muito expressiva presença destas mesmas formas lusitanas tardias nos armazéns Sommer (Pimenta & Fabião, no prelo), sugere fortemente uma maior longevidade para o fabrico destes contentores e, naturalmente, uma maior longevidade para a produção de preparados de peixe no baixo Tejo. Não são seguramente estes contextos que permitirão aclarar a questão, mas parece-nos importante deixar este apontamento, para futuras averiguações. Regista-se, também, nesta camada a presença de materiais importados, como exempla-

res de Keay 16 de fabrico bético (n.ºs 3044 e 3046) e um fragmento de bordo de ânfora africana de difícil classificação, por se tratar de um fragmento diminuto (n.º 3090). Pelo perfil em bico, pode integrar-se no tipo 27 de Bonifay (2004, p. 119-122), ou Keay 25, particularmente no subtipo 3, com cronologias entre os finais do séc. IV e a primeira metade do V. Se está correta a nossa observação, trata-se de um exemplar mais residual do que propriamente útil para datar este contexto.

Entre as produções cerâmicas destaca-se ainda parte de um grande recipiente de armazenagem ou de uma ânfora, oriundo da região do vale do Guadalquivir, que apresenta como particularidade pintura vermelha disposta em padrão reticulado (Figura 3, n.º 8988). Entre a cerâmica comum, a quase totalidade dos materiais recuperados enquadra-se, formal e tipologicamente, nas produções de tradição romana dos centros oleiros do vale do Tejo com paralelos reconhecidos nos conjuntos da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011) do Porto dos Cacos, Alcochete (Raposo & Duarte, 1986) e nos demais contextos oficinais do NARC (Amaro, 1995) e de outras áreas industriais da Baixa (Diogo & Trindade, 2000). As formas representadas (Figura 3) integram a panóplia oleira da Antiguidade Tardia – tampas (n.ºs 8442 e 8444), pratos (n.º 8485), almofarizes (n.ºs 7972 e 8480), panelas (n.º 8451), tachos (n.º 8445, 8450 e 8768) e, com maior expressão, potes de colo estrangulado (n.ºs 8440, 8441, 8452 e 8462), com vestígios que sugerem uma utilização na confecção e preparação de alimentos a quente – observando-se uma tendência para a simplificação formal.

A nível tecnológico, o conjunto é dominado pelas produções montadas a torno, sendo de sublinhar a presença, ainda que residual, de formas do tipo pote, conformadas de modo manual ou a torno lento, com pastas friáveis e pouco decantadas (n.ºs 8483 e 8492) e de um fragmento com incisões onduladas sobre o bojo (n.º 8471), bem reconhecidos no registo material da cidade (Silva & De Man, 2012) e no seu território (Batalha, 2009, p.113, n.º13), em momentos tardo-antigos.

Outro expressivo elemento datante destes estratos corresponde ao fragmento de *TSAfr D* da forma Hayes 99 (Figura 4, n.º 7377) que corrobora as cronologias obtidas com os restantes materiais.

Em função destes conjuntos, a cronologia proposta para estas realidades deve centrar-se entre os finais do século V e os meados do século VI, refor-

çando alguns dados já conhecidos para o casco urbano de *Olisipo* (Amaro, 1995; Diogo & Trindade, 1999; Diogo & Trindade, 2000; Sepúlveda, Gomes & Silva, 2003; Fabião, 2009a, 2009b; Pimenta & Fabião, no prelo), onde a presença de importações orientais e, em menor número, do Mediterrâneo central e do norte de África, é reveladora de uma dinâmica comercial continuada, embora com menor intensidade que nos séculos IV e V.

Esta tendência, já sublinhada por alguns autores, parece estar também relacionada com o papel que a cidade desempenharia na rota de ligação do Mediterrâneo central ao Atlântico norte e ao abastecimento das cidades da costa atlântica (Fabião, 2009a; Fernández, 2010, p. 380; Silva; De Man, 2012).

Por último, cabe igualmente salientar a presença de exemplares da forma Hayes 3F em *TSFT* (Figura 4, n.º 7363) e de outras formas das séries tardias de *TSAfr D* (Hayes 103A, n.º 3011) entre os materiais das camadas sobrejacentes a esta área, assim como cerâmicas comuns de produção manual, com decorações incisas e plásticas digitadas identificadas sobre o pátio da fábrica 4 (camada 59, n.ºs 8998, 8999, 9000 e 9001). Embora na região olisiponense a maioria dos paralelos conhecidos para estas últimas se inscreva em contextos dos séculos VIII e IX (Bugalhão & Fernandes, 2012), a sua presença em contextos tardo-antigos é hoje um dado consolidado no litoral hispânico (Reynolds, 1985; Gomes & Gomes, 2004; Ramos, Almeida & Laço, 2006) revestindo-se de extremo interesse para a caracterização dos conjuntos cerâmicos da transição do mundo pós-romano e das suas cronologias de produção e utilização.

A sua presença no NARC, tal como em outros contextos do casco urbano de *Olisipo*, onde se observa uma tendência para linearidade formal dos modelos cerâmicos de tradição romana e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de produções de diferentes características tecnológicas e novos modelos decorativos (Diogo & Trindade, 1999; Diogo & Trindade, 2000; Silva; De Man, 2012), poderia, a título de hipótese, também inscrever-se nesta fase, como testemunho de uma alteração dos processos de produção oleira, de tradição local e regional em momentos tardo-antigos.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, C., ed. (1995) – *Núcleo Arqueológico Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

AMARO, C. (1995) – Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de – Lisboa. In *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992), Barcelona, Institut d'Estudis Catalans / Universitat de Barcelona / Universidade Nova de Lisboa (Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica, IV), pp. 337-342.

BATALHA, L. (2009) – Cerâmica comum tardo-romana e visigótica. In *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL. Lisboa: EPAL, pp. 113-119.

BUGALHÃO, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, J., ARRUDA, A. M., SOUSA, E., DUARTE, C. (no prelo) – Uma necrópole na praia – o cemitério romano da Rua dos Correeiros. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 16.

BUGALHÃO, J.; FERNANDES, I. C. (2012) – A cerâmica islâmica nos Estuários do Tejo e Sado. *Arqueologia Medieval*. Porto. 12, pp. 71-90.

BUGALHÃO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 10: 1, pp. 317-343.

BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. BAR International Series, 1301, Oxford.

C.E.V.P.P. (1991) – Cerâmicas de época visigoda en la Península Ibérica. Precedentes y perduraciones. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 49-67.

DIOGO, D.; TRINDADE, L. (1999) – Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 83-95.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 3: 1, pp. 181-196.

DUARTE, C. (2001) – Sepultura tardo-romana do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Descrição antropológica. In BUGALHÃO, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 162-166.

- FABIÃO, C. (2009a) – O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o pentanummiu de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 4 / 2009. <http://www.nia-era.org> (acedido em Junho de 2013).
- FABIÃO, C. (2009b) – A dimensão atlântica da Lusitânia: periferia ou charneira no Império Romano? In: Gorges, J.-G.; Encarnação, J.; Nogales, T.; Carvalho, A., eds. – *Lusitânia Romana entre mito e realidade – actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana (Cascais, 2004)*. Cascais, pp. 53-74.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2010) – Resultados Preliminares del Estudio de la T.S. Focense (LRC) aparecida en Vigo (Galiza, España). In *Rei Cretariae Romane Fautorum*, Acta 41. pp. 375-384.
- GOMES, M.V.; GOMES, R. V. (2004) – Cerâmicas alto-medievais de Silves. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela, pp. 23-47.
- HAYES, J. (1972) – *Late Roman Pottery*. The British School at Rome, London.
- SANTOS, C. (2011) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa (policopiado). <http://hdl.handle.net/10451/6119> (acedido em 30 de Junho de 2013).
- PIMENTA, J.; FABIÃO, C. (no prelo) – *Ânforas orientais em Vlixippona (Lisboa): a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana*. In Simpósio “A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana”. Peniche, 16 a 18 de Novembro de 2006.
- RAMOS, A.C.; ALMEIDA, R.; LAÇO, T. (2006) – O Complexo Industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das suas problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. In: Silva, C. T.; Soares, J., eds. – *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal (Setúbal Arqueológica, 13). pp. 83-100.
- REYNOLDS, P. (1985) – Cerâmica tardorromana modelada a mano de carácter local, regional y de importación en la provincia de Alicante. *Lucentum*, 4. pp. 245-267.
- REYNOLDS, P. (2005) – Hispania in the Late Roman Mediterranean: ceramics and trade. In: BOWES, K.; KULIKOWSKI, M., eds. – *Hispania in Late Antiquity: current perspectives*. Leiden / Boston: Brill, pp. 369-486.
- RIGOIR, J. (1968) – Les Sigillées Paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*, XXVI, fasc. 1. Paris, pp. 177-244.
- SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R. (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: a terra *sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 6:2, pp. 401-414.
- SILVA, R. B.; DE MAN, A. (2012) – Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. Poster apresentado ao X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012). http://www.camertola.pt/sites/default/files/MAN_SILVA.pdf (acedido em 30 de Junho de 2013).



Figura 1 – NARC – Planta da Fábrica 4.

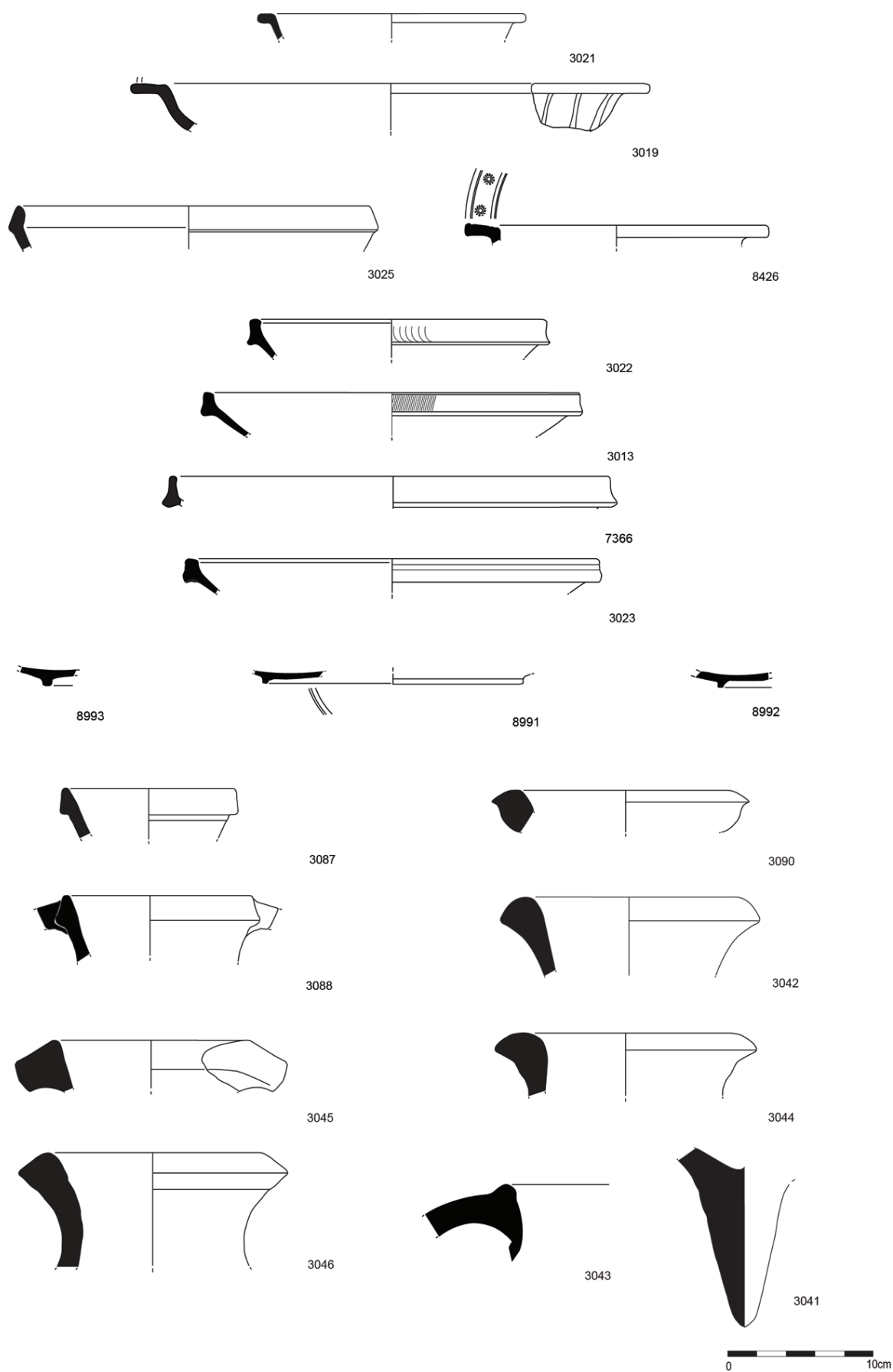


Figura 2 – Espólio da U E 140: cerâmicas finas e ânforas.

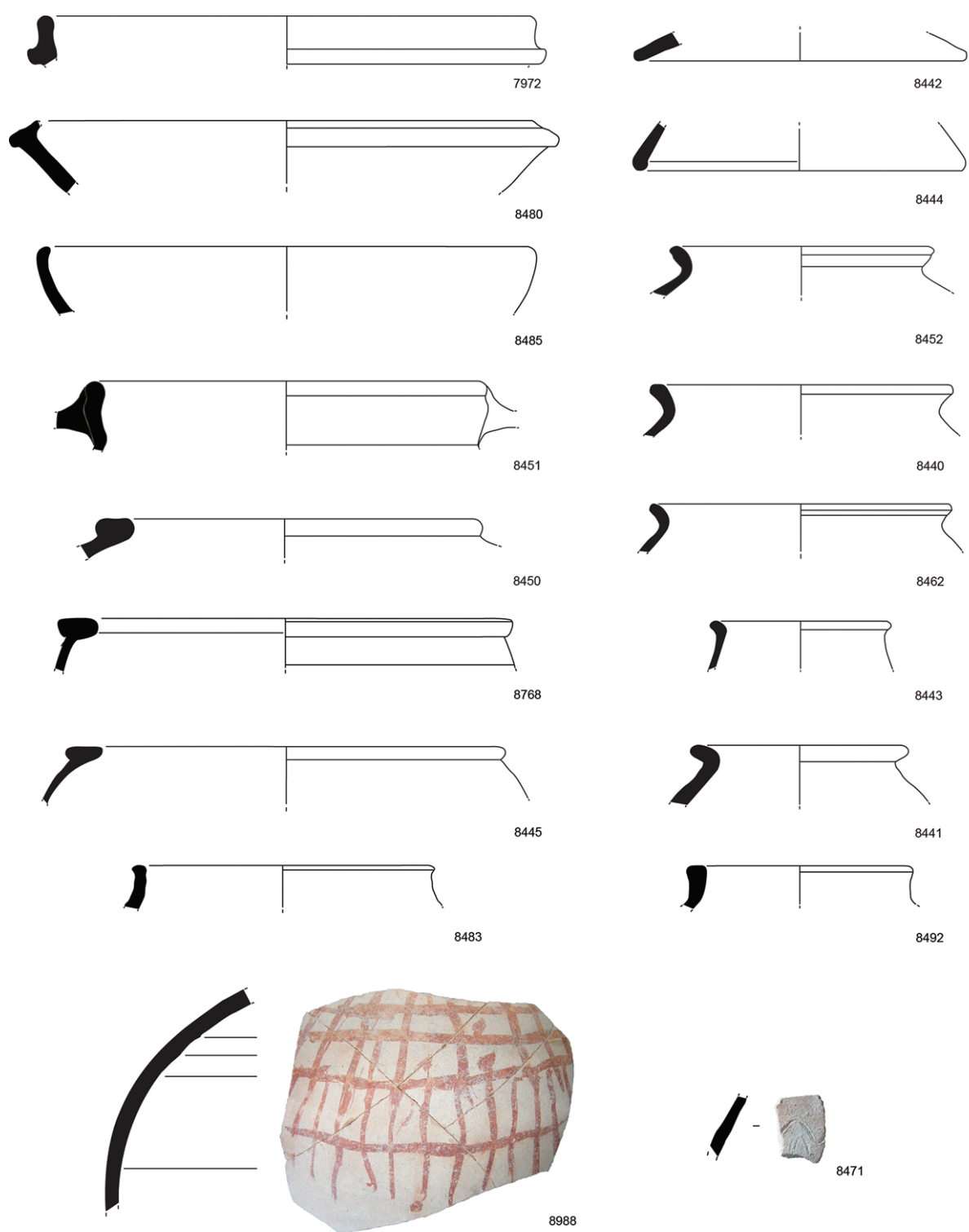


Figura 3 – Espólio da U E 140: cerâmica de produção local e regional.

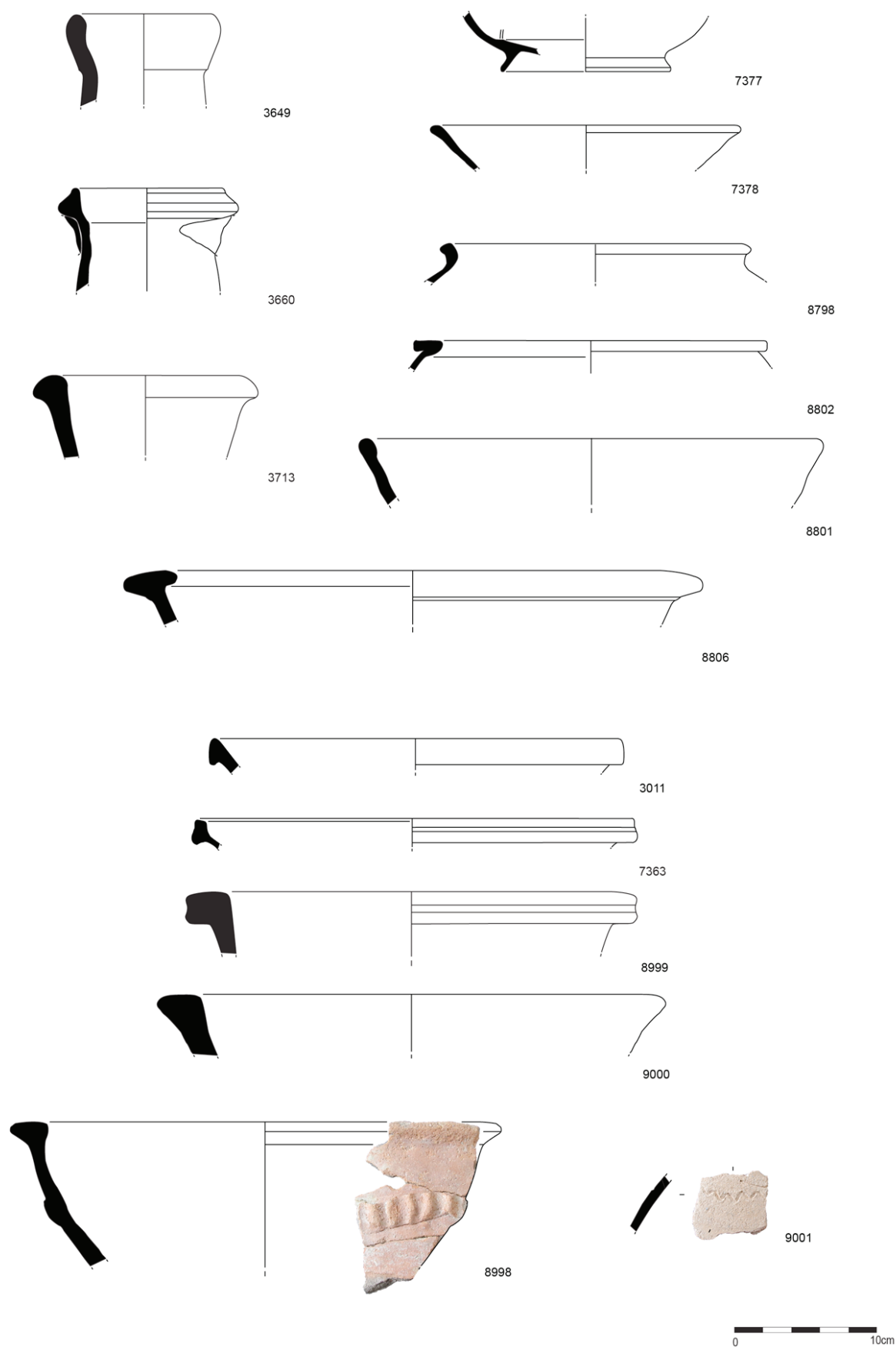
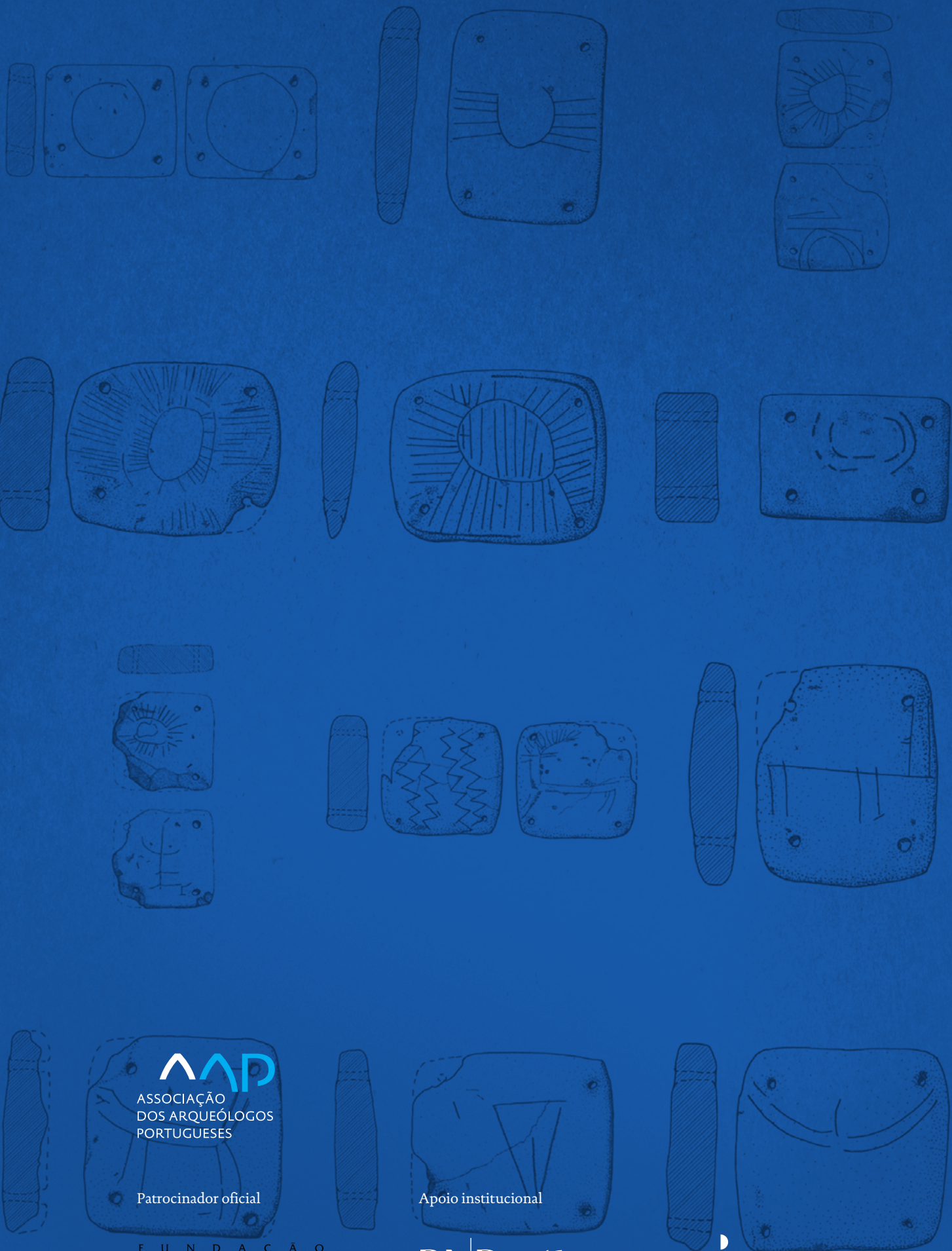


Figura 4 – Espólio da U E 75 (n^{os} 3649, 3660, 3713, 7377, 7378, 8798, 8802, 8801 e 8806). Materiais das camadas sobrejacentes de cronologia tardo-antiga (n^{os} 3011, 7363, 8998, 8999, 9000 e 9001).



AAAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua